

O *caniço*: A outra face de Lourenço Marques (1875-1975)

Nuno Simão Gonçalves¹

RESUMO:

Os subúrbios da capital de Moçambique, também conhecidos por *caniço*, cresceram com a cidade desde a sua génese.

Muito antes da chegada e fixação dos *européus* na *baía da lagoa*, já os povos *indígenas bantus* da região, maioritariamente *rongas*, habitavam o território onde se veio a implantar a futura Xilunguine². Por razões comerciais foram tolerando, de forma nem sempre pacífica, os primeiros assentamentos *alienígenas europeus*.

Durante o século 19 os *alienígenas* consolidaram a sua ocupação nas terras dos *indígenas*, com o reforço do poder militar e das linhas de defesa do pequeno aglomerado que cresceu em redor do Presídio. A partir de 1875, com o argumento de manter *os preceitos da boa hygiene*, foi proibido aos *indígenas* a construção de *palhotas de caniço* dentro dos limites amuralhados da *villa*. Foi o início da segregação urbana dos povos *bantus* para periferias excêntricas ao centro urbano de Lourenço Marques.

Com as diretrizes da Conferência de Berlim consumou-se a invasão do que se veio a chamar Moçambique. As terras foram usurpadas pela nova ordem colonial e os povos *autóctones* passaram a ser clandestinos dentro do seu próprio território, situação que se veio a manter até à independência em 1975.

São estes cem anos de história urbana do *caniço*, ofuscados pela colonial *cidade de cimento*, que o presente ensaio pretende resumir.

Colonialismo, urbanismo, subúrbio, segregação urbana, transição política, descolonização, Moçambique, Lourenço Marques, Maputo.

¹ Doutorando da 2ª edição do curso de doutoramento “Patrimónios de Influência Portuguesa” (www.patrimonios.pt), sediado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. A orientação da tese está a cargo dos Professores Júlio Carrilho e Walter Rossa.

² Nome que os povos *rongas*, autóctones da região, utilizavam para designar Lourenço Marques ou a *cidade dos brancos*.

